



Meliponicultura na agricultura familiar: uma experiência com meliponicultores na região do Médio Solimões, Amazonas

Meliponiculture in family farming: an experience with native stingless bees beekeepers in the Middle Solimões region, Amazonas

DEMETERCO, Carlos Alexandre¹; SILVA, Jacson Rodrigues²; RONCHI TELES, Beatriz³; STEWARD, Angela May⁴; CARVALHO-ZILSE, Gislene⁵

1, 3, 5 Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, carlos.demeterco@zootecnista.com.br, ronchi@inpa.gov.br, gislene@inpa.gov.br; 2, 4 Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, jacson@mamiraua.org.br, angela@mamiraua.org.br

Resumo: A meliponicultura difunde-se como atividade propícia à agricultura familiar, sendo uma ferramenta para geração de renda e com fortes preceitos agroecológicos. Foram realizadas três viagens de campo à Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã, Médio Solimões, Amazonas, a meliponicultores da região. De cunho extensionista e de pesquisa científica, as visitas técnicas abrangeram cursos de boas práticas na coleta de mel e entrevistas sobre o perfil dos meliponicultores. Também foram coletadas amostras de mel para análise microbiológica em laboratório. A experiência demonstrou que são necessárias mais análises laboratoriais para se conhecer o mel e auxiliar na construção de uma regulamentação para a meliponicultura. As opiniões e os conhecimentos dos agricultores são essenciais para essa construção, e para que uma futura legislação não burocratize a atividade, podendo até mesmo inviabilizá-la.

Palavras-Chave: Abelhas sem ferrão; Amazônia; extensão rural; Unidade de Conservação.

Abstract: Meliponiculture is an activity conducive to family farming, being a tool for income generation with strong agroecological principles. Three trips were made to the Amanã Sustainable Development Reserve, Middle Solimões, Amazonas state, to visit the native beekeepers in the area. Visits combined research and extension activities, including a short course on good practices of honey collection and interviews with beekeepers. Honey samples were collected for microbiological analysis. The experience has shown that is necessary to conduct more laboratory tests to understand honey components and to help construct guidelines for meliponiculture in Amazonas state. The opinions and knowledge of farmers are essential for this construction, so that future regulations do not burden the activity with bureaucracy, making it unfeasible.

Keywords: Amazon; Conservation area; rural extension; stingless bees.

Contexto



A meliponicultura – criação de abelhas nativas sem ferrão – é tida como uma atividade com potencial a ser integrada a unidades agrícolas, em especial, familiares. É uma alternativa para moradores de Unidades de Conservação de Uso Sustentável, como iniciativa para geração de renda aliada à conservação da natureza.

Foram realizadas três viagens de campo (entre setembro de 2014 e março de 2015) a meliponicultores na Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Amanã, município de Marã, região do Médio Solimões, Amazonas, com intuito extensionista e de pesquisa científica.

A experiência envolveu um curso de capacitação, entrevistas e coletas de amostras de mel de meliponíneos. As atividades fazem parte de um trabalho de mestrado do Programa de Pós Graduação em Agricultura no Tópico Úmido, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA).

Descrição da experiência

No mês de setembro de 2014 realizou-se a primeira viagem de campo à RDS Amanã, com apoio também do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM), por meio de seu Programa de Manejo de Agroecossistemas (PMA). O objetivo foi contatar moradores e também ministrar curso básico de boas práticas no manejo do mel de abelhas nativas.

Realizado em duas comunidades distintas da RDS, Calafate (Lago Amanã) e Matusalém (Rio Corací), contou com a participação de mais de 20 moradores, dentre homens, mulheres, idosos e jovens. Foram passadas informações sobre o manejo técnico para a coleta de mel e acondicionamento (atentando às peculiaridades da região). Foram reforçadas as noções de higiene na coleta, ponto crucial para a manutenção da qualidade do produto, tanto para consumo familiar quanto comercialização.



Os agricultores conheceram pesquisadores e o projeto de pesquisa. Em função de fatores como o elevado número de espécies de abelhas nativas, diferentes formas de manejo e acondicionamento, a composição e a qualidade microbiológica do mel de meliponíneos não é totalmente conhecida. A pesquisa visa, então, traçar o perfil do mel produzido pela espécie *Meliponaseminigra*, manejada pelos agricultores familiares da região. Dessa forma alguns meliponicultores se propuseram a doar amostras de seus méis para a realização de análises.

As informações sobre a pesquisa perpassaram temas como a origem dos diferentes tipos de méis, sabor e cor. As amostras de mel foram coletadas juntamente com os meliponicultores, os quais participaram também de entrevistas por meio de formulários semiestruturados.

Touca, luva e máscaras cirúrgicas foram utilizadas nos momentos da coleta das amostras, prática compartilhada com os meliponicultores como técnica para minimizar possíveis contaminações. Após coleta com uso de seringa, o mel foi depositado em frascos de vidro, acondicionado em caixa térmica com gelo, para refrigeração.

Durante o mês de janeiro de 2015, outra viagem de campo foi realizada, juntamente da equipe técnica do IDSM. Na ocasião, amostras de mel foram coletadas, além do estreitamento entre pesquisadores e meliponicultores.

Em março de 2015 realizou-se a terceira viagem, onde todos os participantes foram entrevistados. O formulário semiestruturado visava levantar informações sobre produção, quantia estimada de mel no interior das colmeias e o envolvimento dos produtores com a atividade.

Resultados

A receptividade dos agricultores foi valiosa para ambos os lados envolvidos nas atividades, pois proporcionou uma troca de experiências e conhecimentos. O curso



ministrado contou com ampla participação dos moradores, os quais apresentaram variados questionamentos sobre o tema. Durante o curso, com a apresentação da pesquisa, 10 meliponicultores colocaram-se à disposição, com a condicionante de retorno das informações pelo pesquisador. Frente a isso, cada participante recebeu um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que explica didaticamente a pesquisa, além de assegurar que o participante receberá todos os resultados ao final da mesma.

Nenhuma amostra de mel coletada apresentou contaminação, após as análises microbiológicas. Essa informação foi compartilhada com os agricultores. A reação foi positiva, pois muitos questionavam a qualidade do mel em meio às suas práticas de manejo. Esse resultado pode ser atribuído tanto à habilidade higiênica das próprias abelhas, quanto aos simples cuidados, praticados durante o curso, ao se coletar o mel das colmeias. A refrigeração logo após a retirada da amostra, também pode explicar a ausência ou a contenção do crescimento de micro-organismos no mel. Fato é que os agricultores da região consomem o mel de meliponíneos tradicionalmente, sem questionar sua utilidade, principalmente no uso medicinal. Mesmo assim ainda havia dúvidas quanto à viabilidade do mel para a comercialização.

Os agricultores entrevistados iniciaram a meliponicultura em seus sítios ou roças entre os anos de 2009 e 2013. Enxergam as abelhas como aliadas na produção não somente de mel, mas também de frutos e outros produtos não madeiráveis. Na região da RDS Amanã, é possível notar que os criadores têm interesse na venda do mel, mas algo indica que o dinheiro não é o objetivo final da atividade. É uma relação de zelo com as abelhas, pois observam nelas um esforço de trabalho que eles mesmos empregam em todas as suas atividades. Mas o retorno financeiro não deixa de ser, obviamente, um dos intuitos da meliponicultura praticada na RDS. Além disso, é uma das razões de se promover a atividade, que perfaz uma forma de manejo de um recurso natural valioso, que é a abelha em si, por sua importante ação de polinização.



A maior parte dos meliponários situa-se em quintais ou sítios, com grande variedade de espécies de plantas que oferecem florada de suma importância para as abelhas. Essa interdependência é um fator importante, que denota à meliponicultura um viés agroecológico potencial a ser melhor explorado. Pode enriquecer sistemas agroflorestais, viabilizando uma real alternativa de renda justa à agricultura familiar, em especial em áreas protegidas, como é o caso da Amazônia.

Os interesses na meliponicultura são diversificados. Mas, como observou-se nessa experiência, os agricultores familiares a enxergam de maneira distinta. Justamente por isso, é importante levar-se em consideração percepções locais, já que a atividade se encontra em vias de regulamentação. Tida como de baixa escala e impacto ambiental reduzido, deve ser encarada como uma atividade diferenciada. As atuais legislações promovem, em sua grande maioria, atividades pecuárias já estabelecidas e de grande escala. A meliponicultura não deve ser burocratizada, e sim integrada às novas formas de produção alimentar mais limpas e justas.

Outras análises laboratoriais são necessárias para se conhecer melhor esses méis. Com isso será possível estabelecer melhores maneiras para coleta e conservação do mel, e fazer com que a pesquisa científica contribua mais uma vez para a viabilização de uma atividade com grande potencial.

Essa experiência serviu para mostrar que análises laboratoriais e opiniões devidamente expressas pelos agricultores devem ser analisadas conjuntamente. Principalmente quando se objetiva contribuir para a regulamentação de uma atividade como a meliponicultura, onde a tentativa de legalização pode estancar seu desenvolvimento com cargas burocráticas quase intransponíveis.

Agradecimentos

A Hélio Villas Bôas. Ao Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia. Ao Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá. À CAPES, pela bolsa concedida.